

# SEGUNDO CADERNO

ARNALDO JABOR

## A verdade está na cara, mas não se impõe

A rede de mentiras políticas está criando uma nova língua no país

O que foi que nos aconteceu? No Brasil, estamos diante de acontecimentos inexplicáveis, ou melhor, "explicáveis" demais. Toda a verdade já foi descoberta, todos os crimes provados, todas as mentiras percebidas. Tudo já aconteceu e nada acontece. Os culpados estão catalogados, fichados, e nada rola. A verdade está na cara, mas a verdade não se impõe. Isto é uma situação inédita na História brasileira.

Claro que a mentira sempre foi a base do sistema político, infiltrada no labirinto das oligarquias, claro que não esquecemos a supressão, a proibição da verdade durante a ditadura, mas nunca a verdade foi tão límpida à nossa frente e, no entanto, tão inútil, impotente, desfigurada, broxa.

Os fatos reais: com a eleição de Lula, uma quadrilha se enfiou no governo e desviou bilhões de dinheiro público para tomar o Estado e ficar no poder 20 anos. Os culpados são todos conhecidos, tudo está decifrado, os cheques assinados, as contas no estrangeiro, os *tapes*, as provas irrefutáveis, mas o governo psicopata de Lula nega e ignora tudo. Questionado ou flagrado, o psicopata não se responsabiliza por suas ações. Sempre se acha inocente ou vítima do mundo, do qual tem de se vingar. O outro não existe para ele e não sente nem remorso nem vergonha do que faz. Mente compulsivamente, acreditando na própria mentira, para conseguir poder. Este governo é psicopata.

Seus membros riem da verdade, viram-lhe as costas, passam-lhe a mão na bunda. A verdade se encolhe, humilhada, num canto.

E o pior é que o Lula, amparado em sua imagem de "povo", consegue transformar a Razão em vilã, as provas contra ele em acusações "falsas", sua condição de cúmplice e comandante em "vítima". E a população ignorante engole tudo.

Como é possível isso? Simples: o Judiciário paralítico entoca todos os crimes na fortaleza da lentidão e da impunidade. Só daqui a dois anos serão julgados os indicados — nos comunicos o STF. Os delitos são esquecidos, empacotados, prescrevem. A Lei protege os crimes e regulamenta a própria desmoralização. Jornalistas e formadores de opinião sentem-se inúteis, pois a indignação ficou supérflua. O que dizemos não se escreve, o que escrevemos não se finca, tudo quebra diante do poder da mentira desse governo. Sei que este é



André Mello

um artigo óbvio, repetitivo, inútil, mas tem de ser escrito...

Está havendo uma desmoralização do pensamento. Deprimo-me: "Denunciar para quê, se indignar com quê? Fazer o quê?". A existência dessa estirpe de mentirosos está dissolvendo a nossa língua. Este neocinismo está a desmoralizar as palavras, os raciocínios. A língua portuguesa, os textos nos jornais, nos blogs, na TV, rádio, tudo fica ridículo diante da ditadura do *lulo-petismo*. A cada cassado perdoado, a cada negação do óbvio, a cada testemunha, muda, aumenta a sensação de que as idéias não correspondem mais aos fatos! Pior: que os fatos não são nada — só va-

lem as versões, as manipulações.

No último ano, tivemos um único momento de verdade, louca, operística, grotesca mas maravilhosa, quando o Roberto Jefferson abriu a cortina do país e deixou-nos ver os intestinos de nossa política.

Depois surgiram dois grandes documentos históricos: o relatório da CPI dos Correios e o parecer do procurador-geral da República. São verdades cristalinas, com sol a pino. E, no entanto, chegam a ter um sabor quase de "gafe". *Lulo-petistas* clamam: "Como é que a Procuradoria Geral, nomeada pelo Lula, tem o deslante de ser tão clara! Como que o Osmar Serraglio pode ser tão explícito, e como o Del-

cídio Amaral não mentiu em nome do PT? Como ousaram ser honestos?".

Sempre que a verdade eclode, reagem. Quando um juiz condena rápido, é chamado de "exibicionista". Quando apareceu aquela grana toda no Maranhão (lembram, filhinhos?), a família Sarney reagiu ofendida com a falta de "finesse" do governo de FH, que não teve a delicadeza de avisar que a polícia estava chegando...

Mas agora é diferente. As palavras estão sendo esvaziadas de sentido. Assim como o stalinismo apagava fotos, reescrevia textos para coonestar seus crimes, o governo do Lula está criando uma língua nova, uma *novi-íngua* empobrecedora da ciência política, uma língua esquemática, dualista, maniqueísta, nos preparando para o futuro político simplista que está se consolidando no horizonte. Toda a complexidade rica do país será transformada em uma massa de palavras de ordem, de preconceitos ideológicos movidos a dualismos e oposições, como tendem a fazer o populismo e o simplismo. Lula será eleito por uma oposição mecânica entre ricos e pobres, dividindo o país em "a favor" do povo e "contra", recauchutando significados que não dão mais conta da circularidade do mundo atual. Teremos o "sim" e o "não", teremos a depressão da razão de um lado e a psicopatia política de outro, teremos a volta da oposição mundo x Brasil, nacional x internacional. A esquematização dos conceitos, o empobrecimento da linguagem visa à formação de um novo *ethos* político no país, que favoreça o voluntarismo e legítimo o governo de um Lula 2 e um Garotinho depois.

Assim como vivemos (por sorte...) há três anos sem governo algum, apenas vogando ao vento da bonança financeira mundial, só espero que a consolidação da economia brasileira resista ao cerco político-ideológico de dogmas boçais e impeça a desconstrução antidemocrática. As coisas são mais democráticas que os homens.

Alguns otimistas dizem: "Não... este maremoto de mentiras nos dará uma fome de verdades!". Não creio. Vamos ficar viciados na mentira corrente, vamos falar por antônimos. Ficaremos mais cínicos, mais egoístas, mais burros.

O Lula reeleito será a prova de que os delitos compensaram. A mentira será verdade, e a *novi-íngua* estará consagrada.

Governo do Estado do Rio de Janeiro e Petrobras apresentam

Theatro Municipal Temporada 2006

ÓPERA

### Mozart Idomeneo

28 DE ABRIL, 2, 4, 6 E 8 DE MAIO ÀS 20H; 30 DE ABRIL ÀS 11H



"VÓO 93": filme sobre um dos aviões sequestrados no 11 de Setembro abre festival em Manhattan

## Festival de Tribeca anuncia safra de filmes políticos

Terrorismo e guerra no Iraque são abordados no evento

Helena Celestino

Correspondente • NOVA YORK

Cinco anos depois de ter sido criado para tirar a região sul da ilha de Manhattan da depressão pós 11 de Setembro, o Festival de Tribeca abre hoje à

174 longas e 170 curtas que serão exibidos nas próximas duas semanas. O evento cresceu tanto que deixou de ficar cantoneado em Tribeca, e expandiu suas fronteiras para além de Columbus Circle, a região dominada culturalmente

história horrorosa do repórter do "Wall Street Journal" sequestrado e morto no Iraque. Na linha mais leve, os críticos sugerem botar algumas fichas em "Fat girls", comédia dirigida por um diretor de 20 anos. É impossível resistir, por exemplo, à curiosidade de ver

## ~ Coro e Orquestra Sinfônica do Teatro Municipal

MÚSICA Mozart REGÊNCIA **Sívio Barbato** DIREÇÃO **André Heller-Lopes**

SOLISTAS **Fernando Portari, Luisa Francesconi, Silvine Bellato, Janette Dornellas, Augusto Caruso, José Hue, Guilherme Rosa, Giovanni Tristacci, Frederico de Oliveira, Lívia Dias e Paloma Godoy**

DIAS 28 DE ABRIL, 2, 4 E 6 DE MAIO

Frisa e Camarote R\$ 180,00 | Platéia e Balção Nobre R\$ 30,00

Balcão Simples R\$ 20,00 | Galeria R\$ 10,00

30 DE ABRIL ÀS 11 H Domingo no Municipal INGRESSOS A R\$ 1,00

8 DE MAIO ~ PREÇOS POPULARES Frisa e Camarote R\$ 60,00 | Platéia e Balção Nobre R\$ 10,00

Balcão Simples R\$ 7,00 | Galeria R\$ 5,00

Venda de ingressos na bilheteria do Teatro e Ticketmaster ~ Informações: 2262 3935



GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA  
FUNDAÇÃO TEATRO MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO  
ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DO TEATRO MUNICIPAL

ENTRO LÉVIO

AMIGO

REALIZAÇÃO / PROMOÇÃO



RECONHECIDO PELA MARCA MARQUE DE 11 ANOS

Festival de Música Arte hoje a noite com a primeira superprodução sobre os atentados que mudaram o século XXI: "Voo 93", o longa de Paul Greengrass, de "Domingo sangrento", sobre o único dos quatro aviões seqüestrados no dia 11 de setembro de 2001 a não atingir seu alvo (com estréia no Rio prevista para 1º de setembro), é uma escolha polêmica mas que combina com o espírito anárquico do festival, um espaço aberto para filmes de estúdio, independentes e produções de todas as partes do mundo.

— Temos diversas culturas e diversos públicos nas sessões — diz Jane Rosenthal, cofundadora do festival com o ator Robert De Niro. O difícil é escolher entre os

que dominam atualmente pelo Lincoln Center. Como nos anos anteriores, terá projeções ao ar livre, tapetes vermelhos para as estrelas desfilarem, debates com diretores famosos e desconhecidos em busca de reconhecimento, festas de rua e muitas comemorações depois de cada sessão de cinema.

### "O jornalista e a Jihad" é uma das apostas

O clima entre os frequentadores do festival é de caça ao tesouro, uma corrida para descobrir a versão 2006 do "Transamérica", o filme obscuro que estreou ano passado em Tribeca e acabou levando Felicity Huffman a ser indicada para o Oscar. Alguns apostam em "O jornalista e a Jihad: o assassinato de Daniel Pearl", a

escrita, a encenação de "Colour me Kubrick", que se anuncia como um seguidor do engraçadíssimo "Quero ser John Malkovich".

A safra de filmes políticos é enorme, como se só agora, cinco anos depois do 11 de Setembro, fosse possível refletir sobre os atentados, a guerra do Iraque e as mudanças radicais na política americana. A representação brasileira é ilustrativa do espírito do festival: da mostra competitiva participa o mestre Nelson Pereira dos Santos com seu novo "Brasília 18%"; o representante da nova geração Andrucha Waddington estará mostrando "Casa de areia"; e Julia Bacha estréia co-dirigindo com a israelense Roni Avnit o documentário "Encounter point". ■